

Escadaria do Jazz: alianças entre música, territorialidades e ativismos no espaço urbano no Bixiga, em São Paulo¹

Simone Luci PEREIRA²
Flávia Magalhães BARROSO³
Gabriela Cleveston GELAIN⁴

Universidade Paulista – UNIP
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Universidade Federal do Rio de Janeiro – ECO-UFRJ

Universidade Paulista – UNIP

Resumo

A presente pesquisa investiga as dinâmicas musicais no Bixiga, São Paulo, com enfoque no evento Escadaria do Jazz, objetivando compreender as práticas culturais, táticas e ativismos locais. Como metodologia, escolhemos a cartografia, baseada em conceitos de comunicação, música e cidade, para analisar a reapropriação do espaço público e as disputas urbanas, como a gentrificação no bairro do Bixiga. A metodologia inclui observação direta, entrevistas e análise de práticas musicais em espaços públicos. . Por fim, concluímos que com a proposta de realizar apresentações gratuitas de jazz e música instrumental, o evento situa-se não apenas como vetor cultural no território, mas sobretudo, como responsável pela transformação do “caráter público” do espaço. A trajetória do evento demonstra a capacidade das atividades musicais em constituir arenas temporárias de visibilidade para reivindicações.

Palavra-chave: Bixiga; Jazz; Culturas Urbanas; Comunicação; Ativismos.

Nossa pesquisa parte do campo da Comunicação, em interlocução com os estudos de música e cidade para compreender as dinâmicas musicais no território do Bixiga, região central de São Paulo. Trata-se do esforço em cartografar a rede de atores que

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora/pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UNIP (São Paulo). Pesquisadora do CNPq (Bolsista de Produtividade em Pesquisa). Professora Colaboradora do PPG Comunicação da UERJ (Rio de Janeiro). Doutora em Ciências Sociais – Antropologia, com pós-doutorado em Comunicação e pós-doutorado em Música. Líder do GP (CNPq) URBESOM - Culturas Urbanas, Música e Comunicação. simonelp@uol.com.br.

³ Professora adjunta da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ), doutora e mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM-UERJ), com pesquisa financiada pelo Programa Bolsa Nota Dez da FAPERJ. Realizou estágio pós-doutoral em Comunicação na Universidade Paulista (UNIP), com bolsa CAPES. Pesquisadora dos GPs (CNPq) CAC (UERJ) e URBESOM (UNIP). flaviamagalhaesbarroso@gmail.com.

⁴ Mestre (Unisinos) e Doutora ppgcom ESPM. Realiza estágio pós-doutoral com bolsa CAPES na UNIP. Pesquisadora dos GPs URBESOM UNIP, Juvenália ESPM e Midiato USP. gabrielagelain@gmail.com

conformam atividades musicais com maior ou menor grau de independência na região, rastreando controvérsias, táticas e ativismos que evidenciam a música como vetor de comunicabilidade urbana. O território do Bixiga apresenta uma história marcada por convivências e tensões entre negros, imigrantes italianos, nordestinos, do Oriente Médio e África, entre outros; é um polo de cultura e resistência política, com forte identidade local, e práticas que mantêm viva uma intensa vida nas ruas. Nesse contexto, emergem expressões culturais como o evento Escadaria do Jazz, objeto central do presente trabalho.

A metodologia empregada é a cartografia, compreendida como um fazer processual e plurivocal (Val, s/d; Herschmann et al, 2024), que busca dar visibilidade às potências e necessidades dos territórios. Assim, a cartografia compreende a ideia de fugir dos mapeamentos que se querem instrumentos para estratégias de controle e poder, visibilizando e dinamizando territórios, articulações e redes existentes, em suas potências e necessidades. Também realizamos trabalho de campo com observação direta, entrevistas, registros audiovisuais e derivas urbanas pelo bairro do Bixiga ao longo dos últimos anos.

Utilizamos autores que refletem os atravessamentos entre comunicação e cidade, como Martín-Barbero (2004), ao propor uma leitura em arquipélago das dinâmicas urbanas e culturais. Adotamos a noção de redes e actantes (Latour, 2012) para pensar os vínculos entre humanos e não humanos na produção dos eventos e espaços. A dimensão festiva é compreendida à luz de Albán Achinte (2007) e Barroso (2022), que associam o festejar à reexistência e ao direito à cidade. Além disso, recorremos a Herschmann e Fernandes (2014) e Canclini et al. (2012), que refletem sobre redes colaborativas, precarização do trabalho cultural e performatividades urbanas.

Desde 2014, a Escadaria do Jazz ocupa uma escadaria centenária que liga a parte alta e baixa do Bixiga. O evento foi idealizado pelo produtor cultural e morador Tim Ernani, em um contexto de incentivo municipal à ocupação dos espaços públicos. Apesar de não ter apoio financeiro institucional, consolidou-se como festival autônomo, realizado com apoio de moradores, comerciantes e coletivos do bairro. Já nos relatos colhidos, destacam-se formas de associativismo informal e colaboração comunitária: vizinhos cedem instalações elétricas, produtores locais oferecem apoio técnico e associações culturais compartilham recursos. A escadaria, antes degradada e evitada, foi ressignificada como espaço de convivência e fruição cultural pelos moradores do Bixiga e pessoas que transitam pelo local.

A organização atual da Escadaria do Jazz envolve atores locais diversos, que, mesmo enfrentando dificuldades em acessar editais públicos, seguem mantendo o caráter colaborativo e ativista do evento. A falta de reconhecimento da Secretaria de Cultura é atribuída ao fato de o Bixiga estar numa região central, que, embora vulnerável, é preterida por políticas culturais que priorizam as periferias. Desta forma, o evento se estrutura por meio de redes e resistências que reinventam o território urbano e musical do Bixiga.

Por fim, concluímos que com a proposta de realizar apresentações gratuitas de jazz e música instrumental, o evento situa-se não apenas como vetor cultural no território, mas sobretudo, como responsável pela transformação do “caráter público” do espaço. A trajetória do evento demonstra a capacidade das atividades musicais em constituir arenas temporárias de visibilidade para reivindicações. As disputas envolvem regramentos em relação ao uso do espaço, críticas aos processos de gentrificação e as descontinuidades nas políticas públicas de cultura e planejamento urbano. Em contraponto, situam-se os contratos locais para viabilização de microeventos, a concretização de vitrines para novos artistas e a mobilização ativista em torno da ocupação dos espaços. Assim, sublinhamos as vicissitudes das práticas musicais públicas na redefinição dos parâmetros de ocupação do território e a produção de arenas de visibilidade para os dissensos e disputas situados no interior das cidades contemporâneas.

Referências

- ALBÁN ACHINTE, Adolfo. **Prácticas creativas de re-existencia: más allá del arte... el mundo de lo sensible**. Buenos Aires: Del Signo Ed., 2007.
- BARROSO, Flavia Magalhães. **O que falam as festas: Éticas e estéticas das coabitações noturnas no Centro do Rio de Janeiro**. Tese (Doutorado em Comunicação). PPG Comunicação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.
- GARCIA CANCLINI, Nestor; CRUCES, Francisco; URTEAGA POZO, Maritza. (eds). **Jóvenes, culturas urbanas y redes digitales**. Madrid: Ariel, 2012.
- HERSCHMANN, Micael; FERNANDES, Cintia. **Música nas ruas do Rio de Janeiro**. São Paulo: Intercom, 2014.
- HERCHMANN, Micael et al (orgs.). **Cidades musicais (in)visíveis. Vol. 2**. Porto Alegre: Sulina, 2024. p. 29-64.
- LATOUR, Bruno. **Reagregando o social - uma introdução à Teoria Ator-Rede**. Salvador: Edufba, 2012.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Oficio de Cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação e da cultura**. São Paulo: Editora Loyola, 2004.
- VAL, Ana Paula. **Percursos metodológicos de um mapeamento na zona sul de São Paulo – Brasil**. s/d. Disponível em: https://ceapg.fgv.br/sites/ceapg.fgv.br/files/ana_paula_do_val_-_percursos_metodologicos_de_um_mapeamento_zs.pdf Acesso em 13 nov. 2024.